



## **SAÚDE MENTAL DA MULHER – COMPREENSÃO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MULHERES E DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM CAPS AD**

(Romildo Fellipe do Nascimento Silva(1); Diogo Emmanuel Lucena dos Santos(1); Sybelle Karollynne de Holanda Azevedo Barros(2); Millene Rhayenne Teixeira da Silva(3); Lucyanna Maria de Souza Melo(4)

(Centro Universitário Maurício de Nassau, fellipepsicologo@live.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, emmanuel\_lucena@hotmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, sybellekarollynne4@gmail.com; Faculdade de Ciências Humanas, millene.rhayenne@gmail.com; Universidade Federal de Pernambuco, lucyanna.melo@hotmail.com)

**RESUMO:** Trata-se de um estudo de pesquisa bibliográfica no qual foi utilizado o método de revisão integrativa da literatura, objetivando compreender a partir da literatura científica a baixa prevalência e adesão de mulheres em CAPS ad. Os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas, sendo uma das portas de entrada para o Sistema Único de Saúde, da Rede de Atenção Psicossocial, vem mostrando por meio das pesquisas científicas a baixa prevalência e adesão de usuários do sexo feminino no serviço. Dados vem sendo mostrando por meio de estudos crescente número de mulheres dependentes químicas no Brasil, mas diversos fatores impossibilitam que as mesmas possam procurar e aderir ao tratamento adequado, como: a falta de apoio e motivação, preconceito e estigmas, entre outros fatores subjetivos e sociais.

**Palavras-Chave:** CAPS ad, Dependência Química, Saúde da Mulher, Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) é um componente da Rede de Atenção Psicossocial, do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo um serviço aberto, de base territorial, constituído por equipes multiprofissionais, com o objetivo de atender as pessoas acometidas por transtornos mentais persistentes e graves, incluindo os decorrentes do uso de álcool e outras drogas. As modalidades de CAPS se diferenciam de acordo com o porte, clientela e capacidade de atendimento. Entre as modalidades: CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS ad e CAPS i.

Os CAPS ad são constituídos por alguns profissionais da área da saúde, como: clínicos gerais, psiquiatras, enfermeiros, psicólogos, farmacêuticos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, educadores físicos, para as atividades clínicas, além de auxiliares de enfermagem. Conta também com profissionais de nível médio para as atividades administrativas e apoio institucional (Ministério da Saúde, 2004).

Os Centros de Atenção Psicossocial especializados em Álcool e outras Drogas (CAPS ad), foi criado em 19 de fevereiro de 2002, por meio da Portaria do Ministério de Saúde nº 336, para proporcionar a atenção integral e contínua a pessoas com



necessidades relacionadas ao consumo de álcool, crack e outras drogas (BRASIL, 2002).

A dependência química está relacionada com o uso de substâncias que mudam o comportamento e causam outras reações no indivíduo, compreendendo sempre um impulso para fazer uso novamente da droga, com o objetivo de sentir os mesmos efeitos psíquicos ou evitar a falta dele. Portanto, afeta negativamente o indivíduo nas esferas sociais, físicas e psíquicas (ANTONIASSI; LEAL; TEDESCO, 2008). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) a dependência química é “um padrão de uso de substâncias psicotrópicas que está causando danos a saúde”.

De acordo com Dalgallarrondo (2008, p. 344), com a ingestão da substância modificará uma ou várias funções do Sistema Nervoso Central, produzindo efeitos de ordem psíquica e comportamental. As substâncias psicoativas geram sensação de prazer ou excitação.

Por provocar modificações no Sistema Nervoso Central as drogas são classificadas em três tipos: as depressoras, sendo as drogas que diminuem as atividades mentais, afetando o funcionamento cerebral e fazendo com que funcione de forma lentificada, diminuindo a atenção, a concentração, a tensão emocional,

a capacidade cognitiva, reduz a atividade motoro, proporcionando inicialmente um estado eufórico e, posteriormente, sonolência. Por exemplo: o álcool, a cola, os tranquilizantes, a morfina e a heroína. As drogas do tipo estimulantes, aceleram as atividades mentais, deixando o usuário em estado de euforia, alerta exagerada, insônia, hiperatividade e aceleração dos processos psíquicos, dentre as drogas estimulantes, podemos citar: o tabaco, a cocaína, as amfetaminas e o crack. E por fim, as drogas do tipo alucinógenas, provocam série de alterações cerebrais, distorcendo seu funcionamento normal, como consequência do uso há diversas alterações de ordem psíquica, podendo mostrar sintomas como delírios e alucinações, faz parte desse grupo: LSD, o ecstasy, a maconha e demais drogas que se derivam de plantas ou cogumelos (SILVEIRA; SILVEIRA, 2014, p. 70-71; NICASTRI, 2013, p. 20-39).

A dependência, segundo Dartiu Silveira e Evelyn Silveira (2014, p. 96), será o desejo, o impulso que levará a pessoa a fazer uso da droga de maneira contínua objetivando a obtenção do prazer. De acordo com os autores: “O dependente caracteriza-se por não conseguir controlar o consumo de drogas, agindo de forma impulsiva e repetitiva”. Portanto, é estabelecido um padrão mal adaptativo de relação entre o sujeito e a droga,



tendo repercussões psicológicas, sociais e físicas, além de quadros de tolerância e abstinência. No quadro de dependência é percebido um envolvimento grande do sujeito com a droga (DALGALARRONDO, 2008, p. 345).

Tipicamente o sujeito estreita seu repertório de interesses, abandonando outras atividades sociais, pessoais e ocupacionais que não envolvam o consumo. Finalmente, na dependência, embora o indivíduo possa ter consciência (mesmo que parcial) dos problemas físicos, psicológicos e sociais que a substância produz em sua vida, o uso permanece contínuo (APA, 2002 apud DELGALARRONDO, 2008, p. 345).

Dartiu Silveira e Evelyn Silveira (2014, p. 96), analisa a dependência a partir de duas aspectos: o físico e o psicológico. Segundo os autores, a dependência física são sinais e sintomas que se manifestam por meio da Síndrome de Abstinência, o corpo manifesta distúrbios físicos quando a utilização da droga é interrompida. Já a dependência psicológica corresponde ao desconforto e mal-estar manifestados quando o dependente interrompe de forma abrupta a utilização da droga. Os autores alertam:

[...] de maneira geral, as pessoas que experimentam

drogas o fazem por curiosidade e as utilizam apenas uma vez ou outra (uso experimental). Muitas passam a usá-las de vez em quando, de maneira esporádica (uso ocasional), sem maiores consequências na maioria dos casos. Apenas um grupo menor passa a usar drogas de forma intensa, em geral quase todos os dias, com consequências danosas (dependência). O grande problema é que não dá para saber, entre as pessoas que começam a usar drogas, quais serão apenas usuários experimentais, quais serão ocasionais e quais se tornarão dependentes. É importante lembrar, porém, que o uso, ainda que experimental, pode vir a produzir danos a saúde da pessoa (SILVEIRA; SILVEIRA, 2014, p. 95).

A presente pesquisa objetiva compreender na literatura científica a baixa prevalência e adesão de mulheres em CAPS ad.

O estudo manifesta interesse dos autores por ser um fenômeno observável nas práticas do autor principal, Romildo Fellipe do Nascimento Silva, graduando em Psicologia, em estágio extra-curricular em saúde mental no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS ad) Campo Verde, no Município de Camaragibe/PE. Foi percebido pelo estudante/pesquisador a baixa prevalência de mulheres no serviço, e com isso houve o



interesse de ir na literatura científica e compreender esta relação.

O Município de Camaragibe, faz parte da Região Metropolitana do Recife, estado de Pernambuco. A Rede de Saúde Mental do Município de Camaragibe conta atualmente com: 3 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), sendo: 01 CAPS II Casa da Primavera, 01 CAPS I Camará Mirim e 01 CAPS ad Campo Verde. Além, de Projeto de Geração de Renda, 04 ambulatórios de Psicologia e Psiquiatria, 10 residências terapêuticas e 04 Núcleos de Apoio a Saúde da Família (NASF). Atualmente, no Município de Camaragibe não há hospital psiquiátrico, os casos de necessidade de internação hospitalar é encaminhado para o Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano, situado na capital, Recife. Por volta de 2010 o antigo hospital psiquiátrico do Município, Hospital Psiquiátrico José Alberto Maia, teve suas atividades encerradas, por meio do descredenciamento do SUS. O antigo Hospital Psiquiátrico José Alberto Maia, era considerado um dos maiores manicômios do país, chegando a ter aproximadamente 700 pessoas internadas.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de pesquisa bibliográfica no qual foi utilizado o método de revisão integrativa da literatura, a qual tem

como finalidade reunir e resumir o conhecimento científico produzido sobre o tema em estudo. A busca foi realizada em bases de dados: SciELO, LILACS, MEDLINE e Google Acadêmico. Consideram-se neste levantamento bibliográfico os artigos publicados e escritos em língua portuguesa, sem restrição de data, sendo a consulta nas bases de dados realizada entre os meses de janeiro a maio de 2016. A pesquisa pelos textos científicos foi realizada a partir dos descritores: CAPS ad, dependência química, mulheres, saúde da mulher, gênero.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Estudos epidemiológicos nacionais vem mostrando um número crescente de mulheres dependentes químicas (CARLINE, 2002). Em estudo realizado em 2005, foi registrado um aumento global de 15 milhões de pessoas, entre a faixa etária de 15 a 64 anos de idade, envolvidas com o consumo de drogas, nesses dados foi observado o aumento do número de mulheres em relação aos homens para algumas tipologias de drogas, principalmente as do tipo lícitas (UNODOC, 2005 apud OLIVEIRA; PAIVA; VALENTE, 2006).

Percebe-se, portanto, que o uso e abuso de substâncias químicas não é mais um problema do mundo masculino. No Brasil, no



II Levantamento Domiciliar (2005), verificaram a prevalência do gênero masculino para a dependência de álcool, os dados revelaram que entre os homens há uma prevalência de 19,5% e as mulheres 6,9%. O estudo evidenciou diferenças com relação a faixa etária. Entre 12 e 17 anos de idade, foi percebido uma proporção mínima entre os homens e mulheres, 7,3% e 6,0% respectivamente. Nas demais faixas etárias foi percebido uma diferença bastante significativa, entre 18 e 24 anos de idade a proporção foi de 27,4% para homens e 12,1% para mulheres. Entre 25 e 34 anos de idade, 23,2% em homens para 7,7% em mulheres. Idades acima de 35 anos, a diferença reduz significativamente, mostrando uma proporção de 10,4% em homens e 5,4% em mulheres (CARLINI, 2006).

Com relação ao uso de medicações, foi percebido uma maior prevalência de uso na vida das mulheres em relação aos homens (CARLINI, 2006). De acordo com Zanello (2010):

[...] podemos encontrar nestes dados importantes questões de gênero [...]. Pela escuta dessas mulheres podemos afirmar: o álcool é visto como um problema que precisa ser resolvido porque coloca em xeque os papéis sociais masculinos. Isto é, interrompe o ciclo laboral, o rendimento, a virilidade esperada de um homem, em todos os âmbitos

nos quais ele participa. Já o diazepam é um medicamento que permite as mulheres continuarem cumprindo seu papel social: ser cuidadora dos filhos, do lar, aceitar a subjugação social e sexual de seus parceiros, etc. Enfim há uma perversidade no sistema, na qual as relações de gênero são tomadas invisíveis [...] (p. 315).

De acordo com Brasiliano e Brunfentrinker (2004), as mulheres enfrentam muitas dificuldades para iniciar e permanecer no tratamento em dependência química, devido a questões, como: estigmas sociais e oposição do companheiro. Pesquisa realizada por Laranjeira (2008), mostrou por meio dos seus resultados que 53,1% das mulheres abandonam o tratamento em dependência química no primeiro mês. De acordo com o estudo, no Brasil ainda há um número insuficiente de serviços de saúde especializados na saúde mental da mulher.

Sobre a carência de serviços especializados no atendimento a saúde mental da mulher e pouco treinamento e habilidade dos profissionais da saúde, autores ressaltam:

É importante rever a forma como as equipes de saúde lidam com a problemática e o sofrimento feminino, evidenciando um despreparo das equipes de saúde no atendimento da saúde mental da mulher (BRASILIANO e HOCHGRAF, 2006; RENNÓ.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Et al. , 2006 apud GOMES, 2010).

Conforme Brasiliano (2005), a dependência química em mulheres permanece como um fenômeno escondido na maioria dos países. Ainda de acordo com o autor, estudos epidemiológicos no Brasil e no mundo, apontam a predominância dos homens como abusadores da maioria das substâncias psicoativas. Demais fatores precisam ser levados em consideração para compreendermos a relação de uso de substâncias químicas por homens e mulheres, como: sociais, genéticos, hormonais, neurofisiológicos e ambientais. Observa-se que as mulheres iniciam o uso do álcool a partir das situações significativas como separação conjugal ou morte de parentes. A pesquisa também ressalta que as mulheres também consomem drogas em função de depressão, sentimentos de isolamento social, pressões profissionais e familiares, além de problemas de saúde (BRASILIANO; BRUNFENTRINKER, 2004). Com relação ao padrão de uso, Brasiliano (2004), aponta que as mulheres geralmente bebem e consomem em menor quantidade em comparação aos homens.

De acordo com Siqueira, Garcia e Souza (2005) e Fortin, Livre e Mello (1995), as mulheres procuram menos os serviços de atendimento a usuários de álcool e outras

drogas em comparação aos homens, devido aos estigmas sociais em relação ao papel da mulher na sociedade. Segundo, Cesar (2006), as mulheres conseguem esconder a dependência por mais tempo, pois 90% das mulheres pesquisadas em seu estudo declararam beber em âmbito privado, havendo, portanto, uma preservação da autoimagem.

O estigma para a utilização de substâncias psicoativas é maior para as mulheres. Há uma representação associada aos estereótipos de maior agressividade, tendência a promiscuidade, falta no cumprimento do papel familiar. Essa concepção de valores morais foram construídas e reforçadas a partir das ideologias da igreja católica. Para as mulheres, o hábito de beber foi associado a prostituição e a perda de valores morais (HOCHGRAF; BRASILIANO, 2006).

Enquanto mulher não dependente química o seu papel social está relacionado a representações e concepções no que concerne a maternidade, recato, fragilidade, fidelidade, e demais aspectos que confirmam os dizeres da Revista Veja (2016), “Bela, Recatada e do Lar.” Representações essas modificadas quando a sociedade percebe a dependência química nas mulheres, com isso as mesmas são julgadas, seu espaço familiar é ultrajado e concebida como incapaz de cuidar do seu



núcleo familiar e dos filhos, vistas como irresponsáveis, promíscua, amoral, entre outros estigmas associados na relação: mulheres e dependência química (ANDRADE; RONZANI, 2009, p. 26).

A estigmatização ocorre quando se atribui “rótulos” e “estereótipos” negativos a determinados comportamentos. Tal situação influencia direta ou indiretamente a condição de saúde da pessoa estigmatizada, provocando diversas consequências, inclusive o agravamento da situação (ANDRADE; RONZANI, 2009, p. 26).

A Teoria das Representações Sociais, desenvolvida inicialmente pelo psicólogo social, Serge Moscovici, vem auxiliar na compreensão das representações construídas da mulher usuária de substâncias químicas e inseridas no processo de tratamento de dependência química. Com relação as Representações Sociais, Moscovici (2013, p. 41), diz:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações obsiamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto as velhas

representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (MOSCOVICI, 2013, p. 41).

Varias pesquisas vem mostrando por meio dos resultados a baixa prevalência de mulheres nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas em demais regiões do Brasil. Pesquisa realizada por Luciana Batista, Manoel Batista, Patrícia Constatino (2012), em CAPS ad em Goytacazes, Rio de Janeiro, entre os meses de janeiro a dezembro, dos anos de 2000 e 2009, foi percebido que dos 788 prontuários utilizados para o estudo, houve a prevalência do gênero masculino sobre o feminino. Os resultados evidenciaram que no ano de 2000 houve a prevalência de 90,26% de homens e 9,74% de mulheres, e em 2009 houve 86,12% usuários do sexo masculino e 13,88 do sexo feminino. Outra pesquisa mostrou por meio dos seus resultados que dos 221 prontuários pesquisados em CAPS ad no Município de Jequié, Bahia, no ano de 2009, 62% foram do sexo masculino e 38% do sexo feminino (RODRIGUES; SENA; SILVA; CARVALHO; AMORIM, 2013). Estudo realizado em CAPS ad em Blumenau, Santa Catarina, entre os anos de 2005 a 2007, dos 1.122 prontuários de usuários pesquisados, foi constatado que 88,15% dos usuários era do



sexo masculino e 11,85% do sexo feminino (FARIA; SCHNEIDER, 2009). Dessa forma, podemos perceber que independente da região ou do número de amostra, o sexo masculino prevalecerá entre os usuários atendidos em CAPS ad, ao compararmos com os usuários do sexo feminino.

## CONCLUSÃO

Dados nacionais vem mostrando um crescente número de mulheres dependentes químicas, mesmo ainda havendo uma porcentagem menor ao comparado com o número de homens. Percebe-se na literatura científica que a baixa procura de mulheres pelo serviço de tratamento e cuidado relacionado ao uso abusivo de álcool e outras drogas, CAPS ad, se dá devido principalmente ao preconceito e aos estigmas sociais que faz com que as mulheres retardem a procura por uma ajuda profissional especializada e adequada, pois culturalmente é mais aceitável um homem alcoolista do que uma mulher. Tendo em vista que ainda há na sociedade uma cultura de permissibilidade maior na relação: homem e drogas. É importante que se desenvolvam mais pesquisas que possam compreender as principais demandas dos usuários do sexo feminino em CAPS ad, bem como poder proporcionar mais entendimentos a respeito da relação das mulheres com a dependência

química. Almeja-se que demais discursões possam proporcionar reflexões sobre possibilidades de uma nova postura e atuação profissional no tratamento relacionado a saúde mental da mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, T. M.; RONZANI, T. M. **O uso de substâncias psicotivas no Brasil.** Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, Brasília/Brasil, 7ªed., 2014, p. 25-42. Disponível em: <[http://www.supera.senad.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/SUP7\\_Mod1.pdf](http://www.supera.senad.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/SUP7_Mod1.pdf)> Acessado em: 03/05/2016.
- BATISTA, L. S. S.; BATISTA, M.; CONSTANTINO, P. Perfil dos usuários de substâncias psicoativas do CAPS ad em 2000 e 2009, Campos dos Goytacazes/RJ. **Perspectivas Online: Ciências Biológicas e da Saúde.** 7(2) , 23-38, 2012. Disponível em:<[http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas\\_e\\_saude/article/download/195/106](http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/download/195/106)> Acessado em: 01/05/2016.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria de implantação dos CAPS.** Portaria nº 336/GM/MS, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em: <[http://www.ccs.saude.gov.br/saude\\_mental/pdf/sm\\_sus.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf)> Acessado em: 03/05/2016.
- BRASILIANO. S & BRUNFENTRINKER. H.P. **Mulheres Farmacodependentes: Uma experiência brasileira.** Atualização científica. São Paulo, 2004. Disponível em: <[http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/atualizacoes/ac\\_128.htm](http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/atualizacoes/ac_128.htm)> Acesso em: 02/04/2016.
- BRASILIANO, S. **Comorbidade entre dependência de substâncias psicoativas e transtornos alimentares: perfil e evolução de mulheres em um tratamento específico**



para dependência química [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5160/tde-21082007-113755/pt-br.php>> Acesso em: 08/04/2016.

CARLINI, E. A. et al. **I Levantamento Domiciliar Nacional sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: 2001**. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas. 2002. Disponível em: [http://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento\\_brasil/parte\\_1.pdf](http://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento_brasil/parte_1.pdf)> Acessado em: 03/05/2016.

CARLINI, E. A. et al. **II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do Brasil: 2005**. São Paulo: CEBRID- Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cebrid.com.br/wpcontent/uploads/2014/10/IILevantamentoDomiciliarsobreoUso deDrogasPsicotr%C3%B3picas-noBrasil.pdf> Acessado em: 03/05/2016.

CESAR, B. A. L. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades. Resultados preliminares. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. 2006; 55:208-11. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jbpsiq/v55n3/v55n3a06.pdf>> Aesso em: 17/04/2016.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 344-351.

FARIA, J. G.; SCHNEIDER, D. R. O perfil dos usuários do Caps ad-Blumenau e as políticas públicas em saúde mental. **Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 324-333, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a05v21n3>> Acesso em: 16/04/2016.

FOTIN, R. M. P.; LIBRE, A. T.; MELLO, A. F. Estudo da morbidade do alcoolismo na Santa Casa de São Paulo. **Rev. ABP-APAL**. 1995;17(2):67-71. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=178088&indexSearch=ID>> Acesso em: 20/04/2016.

GOMES, K. V. A. **Dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado**. São Paulo, 2010, 226p. Diss. Tese de Doutorado. Programa de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde10112010082915/publico/varela\\_d o.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde10112010082915/publico/varela_d o.pdf)>. Acesso em: 05/04/2016.

HOCHGRAF, P. B.; ANDRADE, A. G. A questão do gênero nas farmacodependência. In: Cordas, T. A.; Salzano, F. T. **Saúde Mental da Mulher**. São Paulo: Editora Atheneu, (p. 85-103), 2004.

LARANJEIRA, R. [et al.], Perfil de Mulheres Usuárias de Álcool em Ambulatório Especializado para Dependência Química. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Vol.57 no.1 Brasil/RJ, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v57n1/v57n1a03.pdf>>. Acesso em: 13/04/2016.

VEJA.COM. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**. Brasil, 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>> Acessado em: 03/05/2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretária de Atenção a Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas**. 2.ed. rev. Ampl. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <<http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/p>



ns\_alcool\_drogas.pdf> Acessado em:  
03/05/2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, J. F.; PAIVA, M. S.; VALENTE, C. L. M. Representações Sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero. **Ciências Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S14138123200600020002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200600020002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03/05/2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (2001). **Transtornos devido ao uso de substâncias. Em Organização Pan-Americana da Saúde & Organização Mundial da Saúde (Orgs.)**. Relatório sobre a saúde no mundo. Saúde Mental: nova concepção, nova esperança (p. 58-61). Brasília: Gráfica Brasil. Disponível em: <<http://www.abebe.org.br/wpcontent/uploads/oms2001.pdf>> Acessado em: 03/05/2016.

RODRIGUES, L. S. A.; SENA, E. L. S., SILVA, D. M.; CARVALHO, P. A. L.; AMORIM, C. A. Perfil dos usuários atendidos em um centro de atenção psicossocial – Álcool e outras Drogas. **Revista de Enfermagem UFPE on line**,

Recife/PE, 7(8): 5191-7, ago., 2013. Disponível em: <[http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage\\_m/index.php/revista/article/download/4318/6925](http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage_m/index.php/revista/article/download/4318/6925)> Acessado em: 26/04/2016.

NICASTRI, S. **Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. 5.ed. Santa Catarina: SENAD, 2013, p. 19-41.

SILVEIRA, D. X.; SILVEIRA, E. D. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. 6.ed. Santa Catarina: SENAD, 2014, p. 70-103.

SIQUEIRA, M.M.; GARCIA, M. L. T.; SOUZA, R. S. O impacto das faltas às consultas em um programa de dependentes de álcool. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. 54.2 (2005):114-119. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=438302&indexSearch=ID>> Acesso em: 28/04/2016.

UNODS, **United Nations Office on Drugs and Crime**. World drug report, 2005. Acessado em: <[http://www.unodc.org/unodc/world\\_drug\\_report.html](http://www.unodc.org/unodc/world_drug_report.html)> Acessado em: 03/05/2016.



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)